



notas bibliográficas

QUANDO A FILOSOFIA ENLOUQUECE. EFEITOS DO NIILISMO EM ALGUMAS POSIÇÕES FILOSÓFICAS ATUAIS

When philosophy goes mad. Effects of nihilism in some current philosophical standpoints

Marco Heleno Barreto *

BRAUNSTEIN, Jean-François. *La philosophie devenue folle. Le genre, l'animal, la mort*. Paris: Grasset, 2018. 400 p. ISBN 9782246811930

I

No ano de 1900, dois acontecimentos prenunciam a têmpera dos tempos que se seguiriam: a publicação de *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, marcando a definitiva entrada em cena de uma das correntes de pensamento que mais profundamente influenciariam a experiência civilizacional do século que se iniciava; a morte de Friedrich Nietzsche, recolhido tragicamente na noite da loucura durante longos 12 anos,¹ sem dúvida um dos mais argutos intérpretes do espírito europeu, aquele que percebeu com intuição verdadeiramente profética a direção fatídica que já então comandava os rumos da civilização que fizera a experiência da “morte de Deus”.

Freud e Nietzsche, cada um a seu modo mas com muitas convergências identificáveis, simultaneamente interpretaram e expressaram as linhas de força que organizaram o espaço vital que se instala com o advento da

* Professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.

modernidade niilista. Cabe, no entanto, à experiência trágica de Nietzsche a primazia no que diz respeito à radicalidade das consequências implicadas na lógica profunda do niilismo. Freud ainda se amparava em boa medida na confiança positivista na razão e na ciência, não tendo, por isso, chegado à consumação total da posição niilista.² O caráter ilusório da religião, que é proposto em *O futuro de uma ilusão*, de 1927, cede lugar à serena afirmação do valor da razão. Já Nietzsche considerava-se “o primeiro niilista perfeito da Europa, que, porém, já viveu em si mesmo, até o fim, o próprio niilismo - e que o tem atrás de si, abaixo de si, fora de si”.³

Karl Jaspers considerava o niilismo como um tipo especial de doença filosófica, que só poderia corresponder a uma fase na vida de uma pessoa, uma vez que um niilismo radical e completo, embora teoricamente sustentável, seria impossível na vida prática, onde inevitavelmente estamos às voltas com ações e escolhas que pressupõem a afirmação de valores. Levado ao extremo, o niilismo traria como consequência o suicídio.⁴ Mas podemos apontar ainda uma outra possível consequência, que guarda vínculos psicológicos profundos com o suicídio: a loucura.

Examinando sob este prisma a experiência de Nietzsche, e considerando as várias indicações explícitas que se encontram em seus escritos e cartas, e nas manifestações após seu enlouquecimento em Turim, podemos dizer que há algo de *fatídico* em sua loucura, um pressentimento de que o desenlace final de sua existência e da coerência desta com o que pensou e viveu seria a loucura.⁵ Mas aqui, tendo-se em vista que a obra dos grandes pensadores e artistas extrapola os limites estreitos das particularidades e acidentes de uma biografia individual, e apresenta-se como verdadeiro símbolo da cultura que ela representa, podemos e devemos entender a loucura de Nietzsche não meramente como resultado da sífilis, ou de uma suposta doença hereditária

¹ Para uma exposição documentada da loucura de Nietzsche, veja-se PODACH, E. F. *L'effondrement de Nietzsche*. Paris: Gallimard, 1978.

² O traço positivista que persiste em Freud - cristalinamente manifestado, por exemplo, em *O futuro de uma ilusão* - o coloca na posição do niilismo incompleto, que Franca d'Agostini designa como seminiilismo. Todas as formas de niilismo incompleto “ainda implicam o ‘desejo de verdade’, embora esse desejo esteja disfarçado em outros valores, por exemplo: ‘liberdade’, ‘ciência’, ‘natureza’” (D'AGOSTINI, Franca. *The last fumes*. Nihilism and the nature of philosophical concepts. Aurora: The Davis Group Publishers, 2008, p. 10) [As traduções de outras línguas são de minha responsabilidade]

³ NIETZSCHE, Friedrich. *Der Wille zur Macht*. Eine Auslegung alles Geschehens. Stuttgart: Kröner, 1921, p. 1.

⁴ Cf. JASPERS, Karl. *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlin: Springer, 1919. Na verdade, o ato do suicídio (ou suicídio ativo) seria uma reação radical ao niilismo como negação de todo e qualquer valor, pois no ato mesmo de tirar a própria vida o suicida estaria dando expressão a um juízo de valor, ainda que apenas de forma implícita - é melhor não viver a viver assim. Sem referência a algum valor, não há ação. Assim, somente o suicídio passivo - por indiferença a estar morto ou vivo, deixar-se morrer em completa inação e passividade - poderia ser considerado a consequência última do niilismo absolutizado. O que nos permite perceber o vínculo “essencial” entre niilismo e morte (como negação da vida).

⁵ Veja-se a exposição dessa perspectiva em FRIEDMAN, Richard Elliott. *O desaparecimento de Deus*. Um mistério divino. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 161-236.

transmitida pelo pai, ou efeito particular de conflitos e sofrimentos intrapsíquicos, mas como a sombria destinação de uma cultura em cujo centro dinâmico localiza-se aquele hóspede inquietante que Nietzsche reconheceu com lucidez trágica: o niilismo. Comentando sobre a célebre figura do louco que anuncia a morte de Deus (uma das expressões mais fortes do niilismo moderno) no aforismo 125 d’*A Gaia Ciência*, Walter Kaufmann diz: “Nietzsche profeticamente se vê como um louco: perder Deus significa loucura; e quando a humanidade descobrir que perdeu Deus, uma loucura universal irromperá. Este sentido apocalíptico de coisas terríveis por vir paira sobre o pensamento de Nietzsche como uma nuvem negra.”⁶

A compreensão psicanalítica da estrutura psicótica ajuda a compreender analogicamente a situação espiritual de uma “loucura universal”. De forma extremamente simplificada, podemos dizer que na loucura a relação do eu com a realidade é severamente perturbada, em virtude de uma forma específica de recusa (*Verleugnung*, em Freud) daquilo que condiciona a organização psíquica e, por conseguinte, as relações com a realidade subjetiva, objetiva e intersubjetiva: a castração. Por sua vez, a castração (em sentido psicanalítico, bem entendido, e evidentemente não como um fato ou acidente físico) é o lugar psico-lógico em que se instala a Lei (mais uma vez: entendida em sentido psicanalítico), que permite estabelecer identificações e diferenças, todo o jogo complexo de identidade e alteridade, e a ordenação à realidade, em amplo sentido. A loucura é justamente a recusa da realidade da castração, segundo Freud, incidindo sobre a realidade exterior e determinando a substituição desta por uma nova realidade, construída de acordo com as pulsões do id, tendo, portanto, um caráter imaginário-fantasmático. Aplicada à esfera mais ampla da psicologia coletiva, esta compreensão da loucura permite referendar o impacto civilizacional da morte de Deus, esse Deus investido anteriormente no lugar da Lei: quando nada (ou o Nada) vem ocupar esse lugar, ou quando esse lugar é ocupado por pseudoabsolutos produzidos pelo niilismo incompleto, o que se segue são formas de psicose coletiva. Considerando o curso histórico da civilização ocidental sob a regência de seu inquietante hóspede, podemos dizer que a profecia trágica anunciada na nuvem negra que paira sobre o pensamento de Nietzsche se cumpriria fatidicamente.

II

As manifestações histórico-culturais que expressam a vigência da “loucura universal”, aludida por Kaufmann em sua interpretação de Nietzsche, são variadas e numerosas, e parecem seguir uma linha de evolução em que

⁶ KAUFMANN, Walter. *Nietzsche. Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1974, p. 97.

pode ser lida a tendência à progressiva perfeição ou acabamento do niilismo completo. O desconcertante cenário atual, caracterizado pelo triunfo da virtualidade artificial sobre a realidade concreta como espaço da existência humana, tendo como corolários a irrupção de ideias absurdas que são acatadas por grupos diversos e a rejeição de qualquer orientação pela razão e pela experiência (veja-se o exemplo verdadeiramente paradigmático do terraplanismo), parece representar a estação terminal de todo esse processo. Há aí um rico campo de reflexão para a filosofia da cultura que assume como chave hermenêutica o fenômeno do niilismo, com sua lógica peculiar. A perda do valor da verdade na era das *fake news*, a consequente desfaçatez e o cinismo com que se descartam as mais elementares instruções da realidade, o descaso - quando não o ataque aberto - à razão e à ciência, em nome de interesses particulares e ideias absurdas, o verdadeiro vale-tudo em termos de relativização de valores, com as correspondentes atitudes e propostas de vida, tudo isso sugere estarmos assistindo a um momento decisivo da experiência civilizacional do niilismo.

No próprio campo da filosofia as expressões de um niilismo enlouquecido ganham atualmente enorme repercussão e popularidade. À exposição e crítica de tais expressões é devotado o corajoso livro de Jean-François Braunstein: *La philosophie devenue folle*. Braunstein é professor emérito de filosofia contemporânea na Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, sendo especialista em epistemologia, história das ciências, filosofia da medicina e ética médica. Inelutavelmente exposto aos debates que se desenrolam no meio acadêmico e encontram poderoso eco na consciência coletiva *extra muros*, Braunstein detecta e expõe em *La philosophie devenue folle* os sintomas do enlouquecimento da filosofia em disciplinas que se devotam a temas candentes em nosso tempo: os estudos de gênero, os “estudos animais”, a bioética. Trata-se de “projetos aparentemente generosos”⁷, que assumem o que Braunstein designa como “bons sentimentos” - “amor, benevolência universal, evitação da dor e do trágico”⁸ - mas que levam a consequências absurdas, aberrações, desaguando mesmo na abjeção. A situação faz lembrar a sabedoria de Riobaldo, no *Grande Sertão: Veredas*: “Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar”.⁹

No que diz respeito à teoria dos gêneros, que hoje ocupa significativo espaço na guerra ideológica e política travada entre progressistas e extrema direita reacionária, suas origens remontam à década de 50 do século passado, com o psicólogo norte-americano John Money, professor na prestigiosa universidade de Johns Hopkins. Money, formado na tradição

⁷ BRAUNSTEIN, Jean-François. *La philosophie devenue folle*. Le genre, l’animal, la mort. Paris: Grasset, 2018, p. 14.

⁸ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 377.

⁹ GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 13.

behaviorista, sustentava a prevalência absoluta da cultura sobre a natureza, e reivindicava ser capaz de “produzir” um sujeito masculino ou feminino, independentemente da realidade biológica original do corpo físico, desde que lhe fossem dadas todas as condições para gerir integralmente a sua educação. O fato documentado de apresentar a suposta prova de sua posição apoiando-se em uma fraude escandalosa, que Braunstein expõe minuciosamente, não impediu que esse precursor fosse elevado à condição de herói e paladino do transgenerismo atual. Na esteira do mesmo princípio, a perspectiva inaugurada por John Money vai ser depurada, ganhando expressão radical em Anne Fausto-Sterling, expoente da biologia pós-feminista, que nega a distinção homem-mulher, invenção da “biologia virilista”, segundo Fausto-Sterling. Já Judith Butler, influente ícone de certa vertente da filosofia feminista contemporânea, vai ainda mais longe: a diferença sexual, marcada no corpo, é irrelevante e não conta por si mesma na determinação do que é masculino e feminino. O sexo não é um fato anatômico, mas uma criação do discurso. Em última análise, há um completo desprezo pelo corpo, que evoca em Braunstein a lembrança do gnosticismo,¹⁰ o que o leva a classificar a posição de Butler como uma forma de gnose contemporânea. E assim, ultrapassando a transexualidade (um pouco démodé, segundo Braunstein), chega-se ao primado do transgenerismo, em que a autodeterminação do próprio gênero por simples ato declarativo é o único que conta.

Mas, para além da sumamente louvável luta contra discriminações sociais e culturais afetando a diversidade de gêneros, o princípio que fundamenta o transgenerismo, e que é enunciado nas teorias do gênero, converte-se em critério de organização das práticas educacionais, determinando consequências radicais. A principal delas é a incidência sobre os processos ordinários de identificação desde a infância remota: a liberdade de autodeterminação é imposta desde o princípio da existência individual. Braunstein sustenta que a recusa *in limine* de quaisquer limites (quer físicos, quer culturais) “é particularmente destruidora na medida em que tende a pôr em questão nossas identificações antes mesmo que elas tenham tido tempo de se constituir”.¹¹ Não se aceita um limite inicial, que poderá ser transgredido posteriormente (transgressão que, inclusive, pode ser defendida e apoiada em uma cultura realmente progressista, esclarecida, não-discriminatória e humanista): simplesmente a sugestão de um modelo *inicial* de gênero baseado no sexo anatômico é tida como opressão inaceitável, e assim o *infans* é exposto desde o começo a uma tirânica ausência de referência em nome de sua completa autodeterminação. A perspectiva psicanalítica sobre a construção de identidades é descartada sem mais como sendo

¹⁰ Sobre esse ponto, veja-se LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

¹¹ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 385.

“heteronormativa” e “binarista”. E quem quer que ouse discordar dos postulados dessa afirmação de um exercício absolutamente livre da autodeterminação desde o primeiro vagido é imediatamente arrolado entre os grotescos e reacionários defensores intransigentes do “azul para meninos, rosa para meninas”.

Se ampliamos o foco e passamos às escolhas feitas em outros momentos e situações da vida individual, para além da questão restrita da escolha de gênero, a ideia de uma aparente liberdade anárquica de autodeterminação, que faz lembrar o “é proibido proibir” de maio de 68, supostamente representaria a emancipação humana total de quaisquer limites impostos à humana vontade. Cabe, no entanto, perguntar: quem é o sujeito real desse ato de aparente absoluta autodeterminação? Parece que toda a experiência da suspeita sobre o sujeito da consciência e sua ilusão de autodeterminação é deixada de lado, em prol de uma identificação ingênua, imediata, não reflexiva, não crítica, não problematizada com os desejos e impulsos que irrompem no campo da consciência. Nenhum tremor de alguma sombra mefistofélica insuflando tais desejos abala o “eu quero” instrumentado pela potência da técnica. O lado tenebroso da condição humana, que levou Freud a postular uma pulsão de morte agindo no psiquismo, é sumariamente ignorado ou mal interpretado. A conflitividade trágica da subjetividade, percebida agudamente na psicanálise e no romantismo oitocentista, é explicada como mero efeito de normas sociais opressoras que cumpre abolir. O estranhamento de si mesmo, ponto central da experiência psicanalítica, desaparece do arco de considerações relevantes, dando lugar à “fluidez” alegre e leve das identidades supostamente escolhidas. Parece uma gigantesca operação de recusa da finitude, do limite, em uma palavra: da castração. Talvez seja esta uma das melhores expressões do modo virtualizado de ser-no-mundo na Idade da Técnica e do Capitalismo avançado, aproximando-se da desregulamentação total (versão econômica do “é proibido proibir”) almejada pelo neoliberalismo. Eu sou o avatar que eu escolho ser. No entanto, esse “homem sem gravidade” de que fala o psicanalista francês Charles Melman¹² atesta não uma transgressão emancipatória, mas uma perfeita conformidade à lógica dos sistemas objetivos impessoais que moldam o mundo contemporâneo.

Quanto aos *animal studies*, seu ícone máximo é o australiano Peter Singer, cujo êxito é atestado pelas centenas de milhares de exemplares vendidos de seus livros, bem como por sua bem-sucedida carreira acadêmica: nomeado professor de ética na universidade de Princeton, com sua obra *Libertação Animal* inaugura o discutido e controverso tema dos direitos dos animais. No centro de sua argumentação, cuja tese fundamental é a

¹² MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade*. Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

de uma continuidade sem rupturas entre humano e animal (“Somos todos animais”), encontra-se a crítica ao “especismo”. Para Singer, a categoria de “espécie” é uma invenção nominalista arbitrária do homem, usada para afirmar uma pretensa superioridade sobre os animais e justificar a dominação destes para os usos e interesses humanos (superioridade que estaria inscrita ontologicamente na diferença específica que constitui a humanidade). Mas, como Braunstein mostra detalhadamente, de uma tese que em princípio seria subscrita por quem quer que tenha amor pelos animais e que se oponha aos maus tratos e sofrimentos a eles infligidos pela experimentação científica ou pela indústria da carne, segue-se uma série de consequências absurdas e chocantes, defendidas destemidamente por Singer. Assim, apoiado na continuidade animal Singer defenderá a zoofilia, desde que haja consentimento e que as relações sexuais entre animais humanos e outros animais sejam “mutuamente satisfatórias”. Braunstein desmascara a “argumentação racional” que se segue ao arbitrário e sumamente discutível princípio de fundo do utilitarismo enlouquecido de Singer (pois não é minimamente crível que as diferenças e fronteiras específicas observáveis na natureza, em um ecossistema, sejam simples invenções nominalistas humanas: em um mesmo rio, elefantes não se acasalam com hipopótamos não por qualquer decreto humano, mas por limites interespecíficos estabelecidos pela ordem natural).

Mas não é só a defesa da zoofilia que decorre da crítica ao especismo. A recusa de limites e fronteiras leva Singer a se opor a todos os “tabus” humanos (injustificados racionalmente, segundo ele), incluindo o incesto e a pedofilia.¹³ Além disso, arvorando-se e, pior, sendo reconhecido como autoridade e referência em bioética, o professor de Princeton, inacreditavelmente aclamado em 2004 como Humanista Australiano do ano, oferece uma perspectiva de seleção de quais vidas valem a pena ser vividas, desembocando em uma proposta de eugenia, que claramente relembra os horrores perpetrados durante a experiência nazista. Daí para a defesa do infanticídio (não apenas em casos de deficiência grave) e da eutanásia (não apenas em casos de redução humanitária do sofrimento extremo, e sem consentimento quer do moribundo, quer de sua família) é um passo arrojado que Singer não hesita em dar.

Para além do espanto causado pelo tipo de abjeção a que se chega com tal forma de raciocínio, cabe apontar que ele padece justamente daquilo que censura ao especismo criticado: inadvertidamente, há uma clara e arbitrária projeção humana em todas as considerações e perspectivas sobre “animais”, “natureza”, “deficientes humanos” (chamados de “casos marginais”). Como agudamente percebe Braunstein em outra passagem: “A loucura animalitária atual é na realidade a de um humanismo invasor

¹³ Cf. BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 220 e nota 1; p. 228-229.

que quer colar os valores humanos sobre o conjunto da natureza”¹⁴. No fundo, há um absoluto desprezo pela realidade objetiva e pelas ciências que a descrevem e explicam: a existência de limites reais, instituindo fronteiras atestadas empiricamente e estabelecendo a ordem natural dinâmica, é simplesmente recusada na “filosofia enlouquecida”, lembrando inelutavelmente a *Verleugnung* freudiana como invisível ato psíquico presidindo tais experiências de pensamento e suas extensões na esfera dos comportamentos e atitudes atuais.¹⁵ (O entusiasmo universal por *pets* nasce da mesma fonte: esse fenômeno, característico de uma sociedade totalmente urbanizada e desvinculada de qualquer experiência da natureza real, revela a humanização extrema imposta a animais domesticados, que outrora, embora por princípio submetidos à regra humana, não eram tratados como “pequenos seres humanos” aos quais, diga-se de passagem, é hoje frequentemente atribuída mais dignidade e concedido mais afeto do que a seres humanos reais.)

Na mesma constelação a que pertence Peter Singer, mas seguindo por vias próprias, encontra-se Donna Haraway, que ganhou notoriedade com seu *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, de 1985. Jean-François Braunstein resume sua atual proposta filosófica: tendo feito um doutorado em história da biologia, Haraway apresenta um projeto epistemológico e ontológico em que põe em questão toda ciência objetiva, em particular a biologia, e investe contra as “categorizações do pensamento abstrato”. Promovendo uma verdadeira caricatura de Darwin, de quem se diz “filha devota”, Haraway demonstra que não há diferença entre o homem e o animal, apelando a vulgarizações de ciência misturadas a obras de ficção científica. Não se detendo em meras proposições teóricas, Donna Haraway passa ao ato e entrega-se a beijos profundos com sua cadela, realizando a zoofilia preconizada por Peter Singer. Braunstein vê em Haraway e seus seguidores um anseio de reintegração mística, e conclui: “o projeto explícito não é somente o de uma fusão mística com a natureza, é também o da destruição de todo pensamento objetivo e racional”.¹⁶ O iconoclasmo avançado por Donna Haraway representa, na verdade, um suicídio da própria filosofia. Vale a pena citar Braunstein a respeito disso:

A própria ideia de buscar definir o que é tal ou tal coisa lhe parece suspeita. Assim, não é possível definir o que é um animal, nem mesmo o que é tal ou tal espécie de animal. (...) Para Haraway, não deve haver categorias,

¹⁴ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 274.

¹⁵ É a cegueira quanto à diferença animal-humano que levou o norte-americano Timothy Treadwell a “ver” ursos selvagens como animais domésticos, cruzando uma linha fronteira, respeitada prudentemente pelas culturas originárias que conviviam com tais animais, resultando em sua morte: Treadwell morre devorado por um urso. Veja-se o documentário de Werner Herzog, *Grizzly Man* (O homem-urso), de 2006.

¹⁶ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 248.

pensamento abstrato: só existem indivíduos indistintos, monstros e híbridos¹⁷ (...) Ela chega assim a um nominalismo radical que se proíbe definir qualquer objeto que seja. Tentar definir seria recair no ‘essencialismo’, que é o pecado original do pensamento racional. Nenhuma identidade, nenhuma racionalidade subsistem no fluxo universal no qual Haraway e seus discípulos aspiram a se perder.¹⁸

E mais adiante Braunstein observa:

Esta recusa de toda espécie de distinção é também uma recusa de se inscrever na ordem simbólica, com os recortes que ela opera no real, por meio essencialmente da linguagem e conjuntamente da razão. Essas fronteiras são com efeito as que separam ‘todos os dualismos’, mas também as que separam os seres uns dos outros, distinguindo notadamente os sexos ou as espécies animais, e enfim as que separam os conceitos. Mas Haraway recusa toda definição que é qualificada por ela como ‘essencialista’: esforçar-se simplesmente em dar uma definição de um conceito é aliás frequentemente, hoje, uma atitude considerada como ‘reacionária’ (...) É eminentemente o caso para Haraway, para quem nada pode ser definido, tudo é fluente e misturado. Afirmações evidentemente contraditórias, uma vez que Haraway não cessa de enunciar proposições definidas que ela considera como verdadeiras.¹⁹

Braunstein lembra que a razão e mesmo a linguagem são por natureza “essencialistas”. Mas é justamente tal “essencialismo” (hoje atribuído pejorativamente a posições teóricas que não se alinham com as modas filosóficas “pós”) que “é criticado pelas Haraway ou Butler da vida, nominalistas desenfreadas, para quem toda tentativa de pensar racionalmente é discriminatória e faltosa. É entretanto assim que funcionam a ciência e o pensamento racional, e mesmo essa linguagem que elas, paradoxalmente, não renunciam a utilizar.”²⁰ A única atitude totalmente coerente com tais premissas seria o silêncio absoluto. Lembrando que é justamente a não inserção na ordem simbólica que caracteriza a psicose, poderíamos dizer que há na *recusa* que funda tais posturas de pensamento uma paradoxal opção pela loucura.

Por fim, aplicando-se ao exame de posições correntes hoje no campo da bioética, e em particular as referentes aos temas da eutanásia e do infanticídio (eufemística e cinicamente designado por seus defensores como “aborto pós-nascimento”), Jean-François Braunstein expõe as falácias e absurdos em que se assentam vários dos argumentos postos em circulação, frequentemente encobrindo interesses econômicos muito concretos sob o manto da “compaixão” e da “liberdade” envergado por um utilitarismo convenientemente

¹⁷ Note-se que, como aponta Braunstein, há aqui uma flagrante contradição: não há como se falar de “monstros” ou “híbridos” sem referência a identidades delimitadas, por relação às quais unicamente fazem sentido as noções de “monstruosidade” e “hibridismo”.

¹⁸ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 258.

¹⁹ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 263-264.

²⁰ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 384-385.

ensandecido. A investidura da função de quem determina o que é uma “vida digna de ser vivida” é reivindicada por supostos “especialistas”, que pouco ou nada têm de experiência concreta com as realidades e situações humanas sobre as quais pretendem legislar. Assim, novamente Peter Singer faz em sua ética aplicada, que pretende superar os tabus da moral tradicional, a defesa incondicional da eutanásia. Uma das situações a que o professor de ética de Princeton recomenda a eutanásia são os casos (realmente dolorosos) da doença de Alzheimer. Para ele, uma vida atingida por tal moléstia não é mais digna de ser vivida, e assim deveria ser submetida à eutanásia (note-se que não se trata necessariamente de uma decisão familiar, ou de um desejo expresso pelo próprio paciente antes de se ver incapacitado, mas de uma determinação que poderia ser tomada por instâncias sociais “competentes” sem o consentimento dos envolvidos). Acontece que a mãe de Singer foi colhida por essa trágica enfermidade, e o filho não a submeteu à sua própria prescrição, alegando com toda a desfaçatez que era difícil tomar tal medida em se tratando da própria mãe.²¹

No sequestro das decisões relativas à vida e à morte por parte de especialistas técnicos suspeitos ou filósofos de um utilitarismo enlouquecido, Braunstein divisa a banalização de uma experiência fundamental da humanidade, que apaga a dimensão trágica da vida. Ele cita a neurocirurgiã Anne-Laure Boch, que se opõe decididamente a esse sequestro: para ela, “a eutanásia com tudo o que ela comporta de covardia diante da vida, de complacência com uma utopia que desvaloriza o real, e também de fantasma de onipotência” é uma forma de niilismo militante, “o máximo do niilismo tal como o que Nietzsche nos ensinou a detestar”.²² Acrescentemos que o niilismo de que aqui se trata corresponde ao modo de vida do “último homem” nietzschiano, aquele que “inventou a felicidade”, e que, de quando em quando, administra a si mesmo “um pouco de veneno: gera sonhos agradáveis”, e no fim “muito veneno (...) para um agradável morrer”.²³ A loucura que ele expressa não tem a grandeza trágica do louco do aforismo 125 d’*A Gaia Ciência*. Ela se manifesta como a banalidade absurda de uma vida inteiramente administrada, tecnicamente domesticada em todas as suas dimensões.

III

No cenário polarizado atual, em que se digladiam ferozmente a assim chamada “esquerda ideológica” (na qual os autores tratados por Jean-François Braunstein se inscrevem) e uma extrema direita reacionária, truculenta e obtusa, a crítica a qualquer uma das posições em confronto arrisca-se a ser

²¹ Cf. BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 300-302.

²² apud BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 288.

²³ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 34.

alinhada automaticamente ao campo oposto ao que está sendo criticado. Este é mais um dos sinais da “loucura universal”, esta psicose coletiva em que estamos imersos, que se constrói a partir de uma cisão ou clivagem psíquica (*Spaltung*), tal como se manifesta cristalinamente na paranoia - e o nosso tempo é flagrantemente paranoico.²⁴ Em tal constelação psíquica drasticamente cindida em duas posições inflexível e rigidamente opostas, não há lugar para matizes, sutilezas e diferenciações que caracterizam uma consciência lúcida e verdadeiramente esclarecida. Ao criticar a ideologia do apagamento dos limites que instrui tanto os *gender studies*, quanto os *animal studies* e, em larga medida, também várias correntes da bioética, Brauns-tein não faz uma defesa reacionária e tradicionalista da fixidez de limites eternos e infranqueáveis. Apenas, contra a destruição pura e simples das condições de exercício da razão, desmascarada nos absurdos, contradições, abjeções e deformações caricaturais e monstruosas produzidos pela “filosofia enlouquecida” que conquista corações e mentes atualmente, o professor da Sorbonne reafirma o valor de uma razão sadia, herdeira do genuíno espírito das Luzes, propugnando um sóbrio humanismo (auto)crítico como única alternativa à “loucura universal”. Os corifeus do apagamento de quaisquer limites vangloriam-se de serem transgressores. Parecem não se dar conta de que, na verdade, suas proposições frequentemente chocantes projetam o conformismo acabado com a lógica pós-humana do capitalismo neoliberal avançado, que justamente tem aversão a qualquer norma restritiva. Jean-François Braunstein insiste em que só uma compreensão adequada da relação indissolúvel entre limite e transgressão, base de um humanismo sóbrio e consequente, e não o puro apagamento de limites, permite pensar com um mínimo de consistência os problemas abordados nas disciplinas prediletas dos entusiastas da filosofia enlouquecida.²⁵

Mas uma pergunta se impõe: diante desse cenário de caricatura e absurdo, por que dar-se ao trabalho de focar uma filosofia que enlouquece? Por que não a ignorar simplesmente, e deixar que a loucura *fashion* siga

²⁴ Examinadas sob um ângulo psiquiátrico, as grandes corporações que dominam a esfera econômica em nosso mundo, na condição legal de *peçoas* jurídicas, em suas ações, decisões e atitudes exibem “traços de personalidade” que por analogia levam ao estereótipo diagnóstico de *psicopatia* (cruel despreocupação pelos sentimentos alheios, incapacidade de manter relacionamentos duradouros, desprezo irresponsável pela segurança dos outros, desonestidade como compulsão a enganar e mentir para obter lucros, incapacidade de sentir culpa, fracasso em se conformar a normas sociais com relação a comportamentos legais). Lembrando-se que a psicopatia se define pela ausência da instância psíquica moral (superego, em linguagem psicanalítica), pode-se ver como uma das grandes estruturas que sustentam o mundo contemporâneo expressa a perversão característica que afeta a destruição niilista de todos os valores em sua vertente psicopatológica. Para uma apresentação documentada da natureza e funcionamento psicopático das corporações, veja-se o documentário *The Corporation*, dirigido por Mark Achbar e Jennifer Abbott, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lCq11HmcJ74> (acessado em 03/06/2023).

²⁵ Vale a pena meditar sobre a lúcida conclusão de seu livro, que retoma as críticas feitas à recusa de limites e defende um humanismo das “fronteiras que nos constituem”: cf. BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 377-388.

seus caminhos até se extinguir em seus próprios absurdos? A resposta é que não estamos diante apenas de modas filosóficas que se restringem à realidade paralela do mundo acadêmico. Na verdade, é imperioso reconhecer que o sucesso de tais correntes de pensamento se deve ao fato de que elas estão em perfeita sintonia com o mesmo espírito do tempo que determina atitudes, movimentos, comportamentos e tendências políticas na esfera social. Obedecem fielmente à lógica do niilismo que comanda nossa época, sendo uma expressão radical dessa lógica levada às últimas consequências. Braunstein não aborda essa questão. Ele opta por marcar uma posição bem definida dentro de um combate ideológico travado no campo universitário, no momento em que a disseminação e triunfo das perspectivas por ele confrontadas nas instituições de ensino determinam consequências preocupantes: dissidentes são demitidos, divergentes têm suas carreiras acadêmicas cerceadas, pesquisas são abortadas por boicote de fomento. Na arena política, a consciência *woke* (tema do mais recente livro de Braunstein²⁶), extensão ativista da postura ideológica criticada em *La philosophie devenue folle*, faz lembrar a Revolução Cultural maoísta e mostra a que veio.

Mas a perspectiva mais ampla da significação histórica da “filosofia enlouquecida”, que é expressão de um mundo enlouquecido, não escapa a Braunstein. Há sinais evidentes dessa compreensão filosófico-cultural espalhados em seu texto, embora ela não tenha sido desenvolvida. Por exemplo, quando, manifestando sua repulsa pelas ideias propagadas por Peter Singer, ele se pergunta: “O que se tornou a ética para que existam tais professores? (...) *O que se tornou nossa sociedade para se dar tais professores?*”²⁷ Ou quando subscreve a posição de Slavoj Žižek a respeito do professor de Princeton: para Žižek, Singer “não cria controvérsia porque adota axiomas extravagantes, mas simplesmente porque extrai as últimas consequências *de axiomas comumente aceitos.*”²⁸ Também as menções *en passant* à figura nietzschiana do “último homem” esparsas em seu livro, sempre referidas à atitude de base da filosofia enlouquecida, deixam claro que Braunstein considera as “loucuras enunciadas com um tom douto”²⁹ como a expressão de um modo de ser-no-mundo correspondente àquela figura, e esta tem claramente uma significação e um alcance sociocultural.

A tendência à fuga da realidade para um paraíso artificial construído pela potência demiúrgica da técnica, onde se viabiliza uma existência imaginária na qual tudo é permitido e a realização de desejos não é estorvada por quaisquer limites (“inventamos a felicidade”), quadra inteiramente com

²⁶ BRAUNSTEIN, Jean-François. *La religion woke*. Paris: Grasset, 2022.

²⁷ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 300, itálicos meus.

²⁸ apud BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 291, itálicos meus.

²⁹ BRAUNSTEIN, *La philosophie devenue folle*, p. 324.

o desprezo da realidade objetiva que é o denominador comum tanto das teorias que recusam os fundamentos do exercício da razão, quanto das práticas sociais que lhes correspondem. Quando até mesmo os limites do corpo físico são desprezados pela imposição de uma liberdade irrestrita, transposta para teorias que no fundo celebram o triunfo do deus de prótese que o ser humano aspira a ter se tornado, aparentemente consuma-se o projeto moderno de uma dominação total da realidade, ilimitadamente moldável pelos desígnios de seu criador. A felicidade do último homem projeta um mundo cujo modelo acabado é o Disneyworld norte-americano, e o sentido da vida propõe-se como entretenimento, não por acaso objeto de uma das mais lucrativas indústrias de nosso admirável mundo novo. Mas o real submetido e recusado retorna como pesadelo implacável, manifestando-se no mal-estar da modernidade, nas angústias, nas compulsões e nos horrores que assombram e apavoram a existência humana movida por seus “bons sentimentos” e apegada à bolha imaginária de sua felicidade banal.

Vistas em sua crua verdade - como expressões indisfarçáveis de uma vontade que recusa os limites da realidade e da facticidade histórica, física e cultural, em favor de um “eu quero que seja assim” -, todas essas desconcertantes teorias e práticas contemporâneas evocam a profecia de uma loucura universal por vir, cifrada na experiência e pensamento de Nietzsche. Neste sentido, a filosofia enlouquecida exposta no livro de Jean-François Braunstein adquire o estatuto de genuíno sinal dos tempos. Sobre ela convém refletir, nesses tempos que não cessam de nos assombrar e deixar perplexos.

Referências bibliográficas

ACHBAR, M. e ABBOTT, J. *The Corporation*. [Canada]: [s.n.], 16 jan. 2004. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lCq11HmcJ74>. Acesso: 03 jun. 2023.

BRAUNSTEIN, Jean-François. *La philosophie devenue folle*. Le genre, l’animal, la mort. Paris: Grasset, 2018.

D’AGOSTINI, Franca. *The last fumes*. Nihilism and the nature of philosophical concepts. Aurora: The Davis Group Publishers, 2008.

FRIEDMAN, Richard Elliott. *O desaparecimento de Deus*. Um mistério divino. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HERZOG, W. *Grizzly Man*. (filme documentário). Lion Gates Films e Discovery Docs, 2006.

JASPERS, Karl. *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlin: Springer, 1919.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche. Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1974.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade*. Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. *Der Wille zur Macht. Eine Auslegung alles Geschehens*. Stuttgart: Kröner, 1921.

PODACH, E. F. *L'effondrement de Nietzsche*. Paris: Gallimard, 1978.

Endereço do autor:

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte – MG

Email: marcohelena@uol.com.br